



O BOSPHORO.

DAMOS á vela para a entrada do Bosphoro costeando as muralhas de Constantinopola que o mar vem banhar; passada meia hora de navegação por entre a multidão de navios ancorados chegámos aos muros do serralho que continuam os da cidade, e formam na extremidade do monte em que assenta Stambul o angulo que separa o mar de Marmara do canal do Bosphoro, e do Corno aureo ou grande enseada interior de Constantinopola: alli é que Deus e o homem, a natureza e a arte collocaram ou crearam de concerto o lanço de vista mais estupendo que podem olhos humanos contemplar na terra; dei um grito involuntario, e esqueci para sempre o golpho de Napoles e todos os seus encantos; comparar alguma cousa áquelle composto magnifico e gracioso é injuriar a criação.

Os paredões que sustentam os terrados circulares dois immensos jardins do serralho grande, ficavam a alguns passos de nós para a nossa esquerda, separados do mar por um estreito passeio de lagens que as ondas lavam de continuo, e onde a corrente perpetua do Bosphoro fórma pequenas vagas susurrantes e azues como as aguas do Rhodano em Genebra. Estes terrados que se alteam por declives imperceptiveis até os palacios do sultão, cujas douradas cupolas se descobrem atravez dos cimos gigantes dos platanos e cy- prestes, são tambem plantados das mesmas arvores, enormes, de troncos sobranceiros aos muros, com os ramos que trashedam dos jardins e pendem para o mar como esteiras de folhagem, dando sombra ás lanchas; os recreios de tempos a tempos paravam debaixo d'este abrigo: de distancia a distancia estes grupos d'arvoredo são interrompidos por palacios, pa-

vilhões, mirantes, portas lavradas e douradas que abrem para o mar, ou baterias de peças de fórmulas singulares e antigas. As janellas engradadas d'estes palacios maritimos, que são porções do serralho, dão para o canal, e vê-se atravez das gelosias brilhar os lustres e as douraduras dos tectos das camaras; tambem a cada passo elegantes fontes mouriscas, incrustadas nas paredes do serralho, precipitam as aguas desde a altura dos jardins e murmuram em conchas de marmore para saciar os passageiros; alguns soldados turcos estão deitados juncto d'estas fontes, e cães vadios vagueiam pela extensão do caes: alguns estão deitados em canhoneiras para enormes calibres. A proporção que o escaler seguia ao longo das muralhas, o horizonte se dilatava diante de nós, a costa d'Asia se avizinava, e a entrada do Bosphoro começava a delinear-se á vista entre collinas de verde escuro e outras fronteiras que pareciam pintadas de todos os matizes do arco celeste; alli tornámos a descansar. A costa aprasivel da Asia, distante de nós obra de uma milha, debuxava-se á direita, toda retalhada de amplas e altas eminencias, que são coroadas de negras selvas de copas ponteagudas, e as beiras dos campos franjadas de arvores, salpicadas de casas encarnadas, e as bordas dos barrancos a prumo alcatifadas de verdura e de sycomoros, cujos ramos beijam a agua. Mais ao longe mais avultavam as collinas e depois se rebaixavam em ribeiras viçosas e formavam um espaçoso promontorio que servia como de base a uma grande cidade: era Scutari com os seus vastos quartéis caiados, semelhantes a um castello real, as suas mesquitas cercadas de coruchéus refulgentes, os seus

caes e angras guarnecidos de casaria, de bazares, de lanchas, á sombra das parreiras ou dos plátanos, e a melancolica e prolongada matta de cyprestes que campeia sobre a povoação, e por entre os seus ramos alvejavam com lugubre claridade os innumeraveis monumentos dos cemiterios turcos: para lá do pontal de Scutari, terminado por um ilhéu que tem uma capella turca, a que chamam « o tumulto da donzella, » o Bosphoro, como um rio encanado, soabria-se e mostrava escoar-se entre montanhas fuscas que irmanavam em ambas as margens pelos lados dos rochedos, os angulos salientes e reintrantes, os algares e as mattas; na falda das quaes se divisava a perder de vista a serie não quebrada de aldeias, de frotas ancoradas ou á vela, de portinhos sombreados d'arvores, de casas espalhadas, de vastos palacios, com seus jardins de rosas á beira-mar.

Pequeno impulso dos remos nos levou ávante, ao ponto exacto do Corno aureo onde se gozã, ao mesmo tempo, da vista do Bosphoro, do mar de Marmara, e emfim do conspecto inteiro do porto, ou para melhor dizer, do mar interior de Constantinopola; alli nos esquecemos de Marmara, da costa d'Asia e do Bosphoro, para contemplar d'um só relance d'olhos a caldeira do Corno aureo e as sete cidades penduradas nos sete outeiros de Constantinopola, convergindo todas para o braço de mar formado pela cidade unica, incomparavel, conjunctamente cidade, campo, mar, porto, ribeira de rios, jardins, montanhas arborizadas, valles fundos, oceano de casas, formigueiro de baixes e de ruas, lagos serenos, e solidões feiticeiras; vista que nenhum pincel póde reproduzir senão por miúdo, e onde, a cada pancada de remo, os olhos, a alma se encaminham a um aspecto, a uma impressão oppostas.

Damos á vela para as alturas de Galata e de Pera; o serralho se arredava de nós, e avultava affastando-se á medida que a vista abrangia mais o vasto recinto de suas muralhas, a multidão das rampas, das arvores, dos mirantes e palacios: só á sua parte tinha com que servir de séde a uma populosa cidade. O porto mais e mais se abria perante nós; circula como um canal entre as curvas das encostas das montanhas, e mais se patenteia quanto mais progredimos. Este em nada se parece com um porto; é antes um largo rio como o Tamisa, cingido por ambos os lados de outeiros carregados de cidades, e coberto sobre uma e outra praia de uma interminavel frota de embarcações aos montes e de ferro no fundo ao longo da casaria. Passavamos por meio d'essa innumeravel multidão de navios, ancorados uns, outros já de vela singrando para o Bosphoro, para o Mar Negro, ou para o de Marmara; navios de todas as fórmãs, de todos os lotes, de todas as bandeiras, desde a barca atabe com a proa alterosa e saída como o beque das galeras antigas, até o baixel de tres pontes com suas paredes em que fulgura o bronze. Nuvens de lanchas turcas, guiadas por um ou dois remeiros, com suas largas mangas de seda; barquinhas que servem de transportes nas ruas maritimas d'esta cidade amphibia, gyravam entre aquellas grandes massas, cruzando-se, abalroando-se sem soçobrar, como as turbas se achovelam na praça publica; e bandos de gaiotas, semelhantes a lindos pombos brancos, á chegada dos barcos se erguiam do mar, indo pousar mais além para os balouçarem as ondas. Não intentarei enumerar os vasos, os navios, os brigues, as embarcações e botes que dormem ou vogam nas aguas do porto de Constantinopola, desde a foz do Bosphoro e o pontal do serralho até o arrabalde d'Eyoub e os deliciosos valles das aguas doces: o

Tamisa em Londres nada tem que se lhe compare. Basta dizer que, independente da armada turca e dos vasos de guerra europeus, sobre ferro no meio do canal, as duas margens do Corno aureo estão cobertas a dois e a tres navios de fundo, e na extensão quasi uma legua de cada uma das margens. Não tivemos mais tempo do que divisar estas prolongadas fileiras de proas apontadas ao mar, e a vista se nos perdeu no cabo do golpho, que se estreitava entranhando-se na terra, por entre uma verdadeira selva de mastros.

O CARDEAL DE RICHELIEU.

I

As situações é que fazem os homens grandes. A Providencia parece crear o engenho, que os ha de resolver, pela medida dos acontecimentos. A revolução franceza é o exemplo d'esta verdade, exemplo proximo e sublime, que dispensa de recorrer á cruzada asiatica de Alexandre, ou aos ultimos instantes da republica de Roma, consummada pela gloria do primeiro Cesar. Na hora em que a França arrasou pelos fundamentos as instituições da monarchia velha, a voz de Mirabeau, subjugando o estrondo das ruinas, um momento recebeu a força que destroe os imperios. Quando chegou a occasião de semear nos sulcos ensanguentados dos antigos reinos da Europa o germen da nova doutrina, Deus coroou do triplice diadema a fronte de Bonaparte, e no carro triumphal enviou-o, Messias da revolução moderna, propagar pela victoria a religião politica vencedora nas Gallias. O poder constituiu-se, a ordem restituiu aos seus eixos o Estado vacillante, e as palavras absolutas do « Homem dos Destinos » por instantes usurparam a omnipotencia. Depois, terminada a sua obra, o gigante sentiu-se desfallecer, firmou os pés nas geleiras da Russia e as geleiras derreteram-se ao incendio de Moscow — quiz apertar na muralha de aço dos seus batalhões a cabeça do leopardo do Norte, e as muralhas desfizeram-se sem vigor; e elle, de pé na rocha banhada das aguas amargas, Alexandre, Cesar e Annibal, tudo no só Napoleão, cruzando os braços no peito, assistiu vivo aos funeraes do seu imperio.

Das glorias passadas restou-lhe apenas o nome para encher os seculos, e a espada para depor ao lado da de Karl o Grande, de que foi irmã. A aguia, nunca mais voou!

Richelieu, no seu seculo, foi a intelligencia designada para completar a idéa de que elle devia viver, o principio d'onde havia de tirar a força, a unidade, e o poder.

Essa idéa e esse principio era a unidade monarchica, de que Richelieu foi incançavel o architecto, e o inexoravel continuador, do systema esboçado pela mão cruel de Luiz XI.

A empreza era grande, e a obra levou-lhe a vida inteira; mas, quando o amortalharam na sua purpura, a Europa estava preparada para o tractado de Westphalia, e a França para o reinado de Luiz XIV. Mineiro ousado, desceu ás entranhas do imperio de Carlos V, e mais d'uma vez, passando a mão pela testa cavada de uma velhice precoce, estremeceu de sentir as raizes da casa d'Austria tanto dentro do coração dos maiores Estados. Emfim, á força de perseverança, de rigor, e de sagacidade veiu o dia, em que, erguendo-se da vigilia de muitos annos, poude apontar do leito da morte para a Fran-

ça e para a Europa com orgulho. N'esse dia, tambem o espirito fatigado separou-se para sempre das dores da carne.

No reino de Luiz XIII o braco resolutivo do ministro apunhalára a aristocracia dos principes feudaes, e como a revolução em 1789 decepou a nobreza puritana e cortezã. A realza, aonde se infundiu a sua alma dominadora e implacavel, cresceu e vigorou, occupando o espaço que de um lado enchia o feudalismo, e do outro devorava a seita protestante constituida em facção politica. De um golpe robusto o Sanção do poder real curvou diante da monarchia absoluta a sociedade, que ha pouco ainda oscillava retalhada de interesses oppostos, sacudida por forças contrarias. A Hollanda e Genebra assopravam as faiscas da reforma para fazer d'ella o facho de um federalismo republicano em França. O governo hespanhol tentava accender de novo as cinzas ainda quentes da liga contra Henrique IV. Richelieu, pela tempera e originalidade do seu genio, pondo um pé na frente á influencia do Escorial, e domando com o outro a audacia dos calvinistas, traçou, e levantou o edificio da monarchia franceza acima das fogueiras da inquisição e do cadafalso puritano, que já se armava em White-hall.

Armand-João Duplessis de Richelieu nasceu em 1585 d'uma familia pobre mas illustre do Poitou. A carreira que escolheu tinha sido a das armas, vindo a seguir o estado ecclesiastico, para evitar que o bispado de Luçon, que andava na sua casa, não passasse a estranhos. Affonso, seu irmão, tinha-se despojado d'esta dignidade para se retirar á solidão d'um claustro. Alguns estudos theologicos prepararam para o sacerdocio e o episcopado um mancebo bem nascido, que se conformava ás idéas do tempo segurando um beneficio lucrativo n'uma casa pobre e fidalga. Antes dos vinte e cinco annos João Duplessis foi provido em Roma no bispado vago. Dizia-se que elle soubera illudir Paulo V acerca da sua verdadeira idade, e que o pontifice, longe de se agastar, louvando aquella destreza e talento lhe prophetisára a sua futura elevação.

A primeira epocha da sua vida consumiu-a em se aperfeiçoar na sciencia theologica que respiram todas as suas obras, rigorosas nas formas didacticas, e severas na argumentação logica. Os annos que viveu no seu bispado foram empregados em polemicas com os calvinistas, ou consagrados á eloquencia do pulpito, em que sobresaiu a ponto d'attrahir a attenção da cõrte. Maria de Medicis ouviu-o com prazer, e recommendou-o ao marechal d'Ancre, então no auge da influencia e do poder. Em 1604 conseguiu ser eleito deputado aos Estados Geraes por Fontenay e Niort, e n'este character advogou com ardor a causa da rainha, influindo bastante na redacção dos capitulos do clero.

Depois de encerrar os Estados, Maria de Medicis não se esqueceu de premiar os serviços do bispo de Luçon, conferindo-lhe o cargo de esmoler mór da rainha reinante Anna d'Austria. O marechal d'Ancre favoreceu-o com igual extremo, apesar de que, ou por enredos, ou pelo achar menos docil do que desejava, para o fim começava a tracta-lo com algum desapego. Concini, rodeado de inimigos poderosos, determinou-se a feri-los no coração, prendendo o principe de Condé, cabeça das facções do paço. Este golpe audaz provocou um tumulto popular, no meio do qual os amotinados saquearam o seu palacio. E o passo do governo exigia um systema mais energico, e homens no conselho de reconhecida aptidão e provada lealdade. A regente indicou Richelieu para secretario d'estado conjunctamente com o marquez ve-

lho de Villeroy. Associado a creaturas subalternas do marechal d'Ancre, e dirigido por elle, o bispo de Luçon, sem n'ó estimar, obedecia-lhe, resignando-se no gabinete ao secundario papel d'instrumento quasi passivo.

A sua ambição entretanto não dormia; mas com a ordinaria lucidez viu bem que o momento de se offerrecer em todo o vigor do seu genio não era o da lenta mas inevitavel agonia d'uma regencia debíl, entregue aos caprichos d'uma mulher fraca, e perdida pela cubica e incapacidade d'um italiano aventureiro. Richelieu esperava a sua hora, com aquella rara presciencia dos acontecimentos, que ainda não faltou a nenhum homem verdadeiramente grande.

Nos ultimos mezes, mesmo, da vida de Concini houve mais d'uma dissidencia seria entre elle e o novo secretario d'estado. O bispo de Luçon via imminente a catastrophe, e por destras communicações com os principes salvava a sua fortuna do naufragio. Uma noite o marquez d'Ancre era assassinado por Luines segundo expressa ordem do rei, e no dia seguinte Richelieu, chamado ao Louvre, da bocca de Luiz XIII ouvia a formal declaração de que nunca o confundira com os falsos conselheiros de sua mãe. A situação apresentava-se arriscada para elle. De um lado os vencedores chamavam-n'ó para continuar no ministerio; do outro a queda de Maria de Medicis, profunda e lastimosa, impunha-lhe deveres restrictos. Renegar o nome da rainha era uma infamia que o maculava para sempre. Abysmar-se com ella, era um acto que o perdia no presente, e parecia duvidoso que o exaltasse no futuro. O bispo de Luçon tomou entre as duas alternativas o termo medio, conciliando as conveniencias com os seus interesses. Sem faltar á antiga regente, sustentou no meio das vicissitudes o apoio de Luines e o bom conceito do rei, por um modo de certo habil, mas pouco digno do menor elogio.

Leonor Galligai, marqueza d'Ancre, e amiga da regente, expiou no cadafalso, não crimes que a des-honrassem, mas um talento e um espirito superior dignos de melhor epocha; e quasi no mesmo dia, ao passo que os principes rebeldes faziam a sua entrada triumphal no Louvre, saía d'elle para Blois Maria de Medicis, acompanhada de poucos criados fieis, que a seguiram no desterro. O bispo de Luçon foi um; mas sempre cauteloso, antes de partir obteve licença do rei; temia que na ausencia o accusassem de obedecer aos impulsos do seu coração, em vez de o julgarem o vigilante observador das acções da infeliz princeza; ministerio que acceitou, e, repetimos, a ninguem podia excitar inveja. De Blois, dirigindo em tudo a rainha mãe, Richelieu entretinha com Luines regular correspondencia, instruindo-o de todos os passos d'ella, e garantindo o seu proceder. Apesar d'estes serviços, a devoção verdadeira ou fingida que era obrigado a ostentar para com Maria de Medicis, estimulou a desconfiança dos vogaes do conselho, e sem difficuldade arrancaram ao monarcha uma ordem que o deportava para Avinhão. A ex-regente olhou esta prova de desagrado como mais uma perseguição, redobrando na inteira e absoluta fé com que se illudia acerca da lealdade do bispo Duplessis.

Este desterro d'Avinhão foi a causa da sua rapida e pasmosa elevação.

Maria de Medicis transpoz os muros de Blois, protegida pela escuridão de noite invernosa, e foi recebida no seu governo pelo duque d'Espernon, havia tempos descontente da cõrte. Chamando em redor das suas bandeiras os ambiciosos, brevemente se achou á testa de um exercito sufficiente para assustar Luines e os seus parciais. As desavenças que já ardiam en-

tre elle e os principes, e a discordia accesa entre os seus melhores amigos, augmentavam o perigo, e expunham a realza a um dezar provavel. O valido tentou sair da difficuldade, promovendo a reconciliação da rainha mãe com Luiz XIII, e lembrou-se de Richelieu para guiar esta delicada negociação. O bispo de Luçon accitou, e partiu sem demora para o Angouleme, aonde então se achava Maria Medicis.

Apenas chegado apoderou-se da vontade da princeza, e facilmente lhe suggeriu a idéa de se reconciliar com seu filho; mas os desejos da rainha eram impotentes diante da tenacidade dos nobres empenhados no seu partido. Como elles se recusavam a qualquer transacção, mais d'um anno decorreu sem vencer um só dos obstaculos levantados contra a aliança. Maria de Medicis queria reassumir o poder; e Luiz XIII, suspeitoso e ciumento, adivinhára em sua mãe a ambição violenta, que havia de ser o martyrio de ambos.

Luines, para se vingar da ex-regente, soltou o principe de Condé, prezo á ordem d'ella. Foi o signal da guerra civil. Entretanto bastou um encontro ás portas d'Angers para a tempestade asserenar, e se concluir um pacto, em que só lucraram, como acontece, os chefes das duas facções. Luines fez-se condestavel, e Richelieu tirou da loteria o barrete de cardeal. Seguiu-se a campanha do Languedoc contra os calvinistas. Luiz XIII appareceu em pessoa, e distinguiu-se mais de uma vez como soldado. Comtudo, depois de leves successos, a fortuna virou-lhe o rosto; em Montalbão, e em Monheur, pequena praça, o exercito real padeceu grandes revezes, e ulcerado de desgostos, Luines, seu general, não resistiu muito a este golpe, e dentro em poucos dias desceu á sepultura.

A França, á morte do valido, desfallecia esgotada pelas luctas e dissensões. Todos clamavam por um governo forte, que trouxesse a paz, a segurança

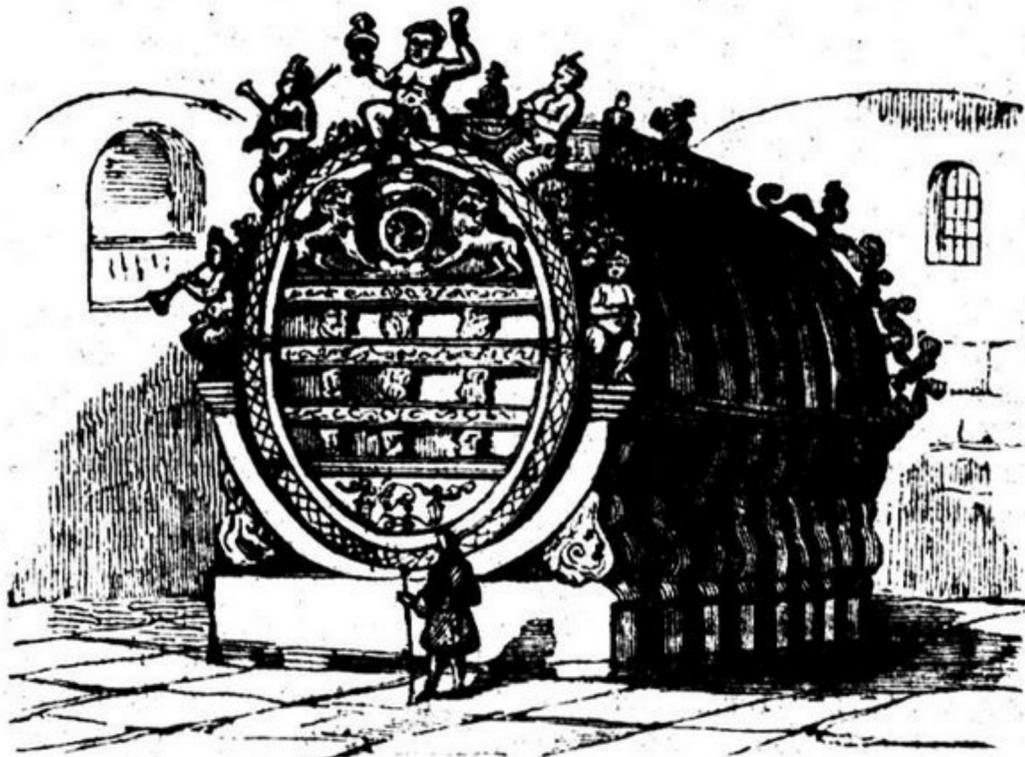
e a ordem ao seio d'este cahos, aonde todos os interesses transtornados se viam agonisar.

A nomeação de Richelieu yeiu satisfazer o brado geral. O livro 5.º das suas « Memorias » expõe as duvidas que elle offereceu ao rei antes d'acceitar. Proposto pela rainha mãe, e recebido sem desagrado pelo monarcha, o cardeal já seguro da sua elevação divertia-se em representar uma scena da hypocrisia.

Era a muleta de Xisto V. No dia immediato ao da sua entrada, as enfermidades allegadas tinham desaparecido, e o ministro, com a pasta nas mãos, fallava como senhor absoluto. De repente, este homem humilde no tempo do marechal d'Ancre, sujeito no governo de Luines, erguia a cabeça, e no orgulho do poder arrogou-se a presidencia do conselho, que ninguem ousou disputar-lhe, e estendia o braço armado aos partidos inimigos. É que a sua occasião tinha enfim chegado. Tudo era fraco para luctar com elle. No horisonte não havia já um só astro que podesse eclipsar o brilho da sua estrella, levantada e radiosa sobre as glorias antigas da monarchia.

O CASTELLO DE HEIDELBERG.

HEIDELBERG, cidade d'Allemanha, antiga capital do Baixo-Palatinado, está situada na falda de uma serra, á beira do Necker. O castello do mesmo nome, e que lhe fica sobranceiro, é famoso na historia; muitas vezes arruinado e outras tantas reconstruido achava-se no esplendor da sua magnificencia, quando no anno de 1764 o incendiou novamente um raio, e desde então tem permanecido abandonado inteiramente — Ainda ha pouco alli existia um tonel enorme, que póde conter 528 barris. Em tempos da prosperidade do castello, este colosso do seu genero estava, pelo que dizem, cheio sempre do melhor vinho do Rheno. Damos o desenho d'este monumento extrava-



gante, curioso sobre tudo pela antiguidade e pelos ornatos de que está carregado. Porém, por descompassadas que sejam as suas dimensões, não póde equiparar-se ás descommunes vasilhas que existem em Londres na immensa fabrica de cerveja de Barclay, Perkins e C.ª — « Achando-me n'esta fabrica (escrevia um observador francez) n'um pavimento onde estavam assentes, n'uma enfiada de armazens, 99 to-

neis, alguns dos quaes tem a capacidade de 500 000 a 600 000 botelhas, lembrou-me o celebre tonel de Heidelberg, que tinha visto annos antes: é o unico objecto que se conservou soffrivelmente do delicioso castello dos condes palatinos, e recebe fielmente visita de todos os viajantes que vão admirar aquellas ruinas, talvez as mais bellas de todas as ruinas feudaes. Que differença hoje entre o velho castello de

Heidelberg com a sua vasilha, e o colossal estabelecimento do fabricante inglez com o seu batalhão de toneis.»

«O castello antigo desmorona-se; as magnificas esculpturas gothicas se deterioram cada vez mais: debalde um desenhador francez, que com zelo digno dos maiores elogios se constitue desde tempo indefinido o guarda e o cicerone d'aquelle formoso monumento, sollicita do governo de Baden, a quem o castello pertence, algumas providencias conservadoras. Cadaum anno ha novos estragos pelo gelo na primavera, e pelas trovoadas no outono; virá dia em que o velho castello será uma informe massa, de que talvez se venderão em almoeda as cantarias, não ficando mais que os desenhos, felizmente numerosos, de Mr. Carlos de Graimbert. A sala dos cavalleiros está sem tecto: as abobadas que sustentam o soberbo eirado, d'onde se alarga a vista pelo curso do Necker, e pelas bonitas eminencias que o bordam; essas abobadas abaladas pelos barris de polvora de Louvois desabarão qualquer dia. No entretanto o estabelecimento do fabricante de cerveja se augmentará, ora com mais um armazem, ora com uma nova machina de vapor: e se acontecer algum sinistro, como o incendio que recentemente devorou um corpo do edificio, o damno será logo reparado; em vez da construcção que ardeu surgirá outra mais esplendida, em que o ferro empregado com profusão impedirá no futuro os estragos do fogo.»

«As estatuas dos eleitores palatinos estão derrubadas de seus nichos: nenhum dos filhos dos seus vassallos se dará ao trabalho de as pôr de pé. O antigo tonel está vasio ha mais de seculo e meio: os curiosos podem descer ao fundo e medir-lhe o bojo. Uma vez unica Mr. Graimbert viu jorrar d'elle o vinho, e foi em 1813, em honra do imperador Alexandre e dos seus alliados os soberanos da Austria e Prussia; mas não passou isto de uma pia fraude, o velho tonel não estava cheio, o vinho que corria provinha de uma mesquinha pipa que na precedente noite se introduzira. Os 99 toneis de Barclay, Perkins e C.^a estão sempre atestados de cerveja que fermenta lentamente; a bebida que despejam todos os dias, e que se derrama pela Inglaterra e Indias occidentaes, era sufficiente para encher o tonel do principe Casimiro (250 000 litros ou 14 747 almudes).»

«O mysterio d'estes contrastes é que o volumoso tonel feudal não se enchia senão do producto dos direitos senhoriaes, ao passo que os toneis da fabrica atestam-se pelo livre concurso de trezentos homens, que tem a certeza de receber quotidianamente o fructo do seu trabalho.»

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 119.)

Os nossos leitores já conhecem o supplicio do *tcha* ou canga. O instrumento de tortura a que se dá este nome é um madeiro composto de duas peças, com um chanfro no meio por onde se enfia o pescoço do condemnado; depois unem-se as duas peças, e o juiz lhe põe o seu sello com a sentença para impedir que as abram. O *tcha* fórma assim uma especie de colleira, que varia em pezo desde sessenta até duzentas libras, e segue por toda a parte o infeliz padecente. Um carcereiro, armado d'um azorrague, o passeia assim todos os dias pelas ruas, exposto ás apupadas da gentalha, e á noite o reconduz para a prizão.

Effendon, que acabava de soffrer um d'estes pas-

seios, tinha chegado mais o seu guarda á extremidade dos arrabaldes da cidade ao pé d'um dos canaes que a abastecem de viveres vindos de todos os logares do campo. Alli, exausto de forças pelo muito que padecêra, agachou-se e perdeu os sentidos. O carcereiro quiz debalde obriga-lo a levantar-se ás chicotadas; Effendon não se movia.

— «Tinha-te em conta de mais valente, resmungou o homem do chicote, olhando para elle. Que hei de eu agora fazer com este trambolho sem movimen'o?»

Olhou á roda de si em busca d'alguem que o ajudasse a erguer o feitor, porém o sitio era ermo, e a noite, que principiava a escurecer, não deixava ver senão a mui curta distancia. O carcereiro revestiu-se de paciencia, e sentou-se ao pé do prezo.

N'este momento sentiu-se rumor de remos e abicou uma lancha.

Saíram d'ella dois homens, de camizas brancas, calças largas, jponas abotoadas pelo lado, e chapéus de palha pontagudos, trajo que indicava serem barqueiros. Traziam uma carga que pousaram alli perto.

O carcereiro, que levantára a cabeça, viu que era o cadaver d'um homem afogado.

— «Pelos genios d'agua! exclamou elle com um sorriso grosseiro, pescastes um peixe grosso.»

— «Que nos não faz ricos» retrucou um dos barqueiros.

— «Não achastes nada ao morto?»

— «Nada mais que esta caixinha com um vidro de remedios e uns papeis.»

— «É verdade que pelo fato mostra ser medico.»

— «Que não cura mais ninguém.»

— «Pois aqui está um doente que bem precisão tinha d'elle; eu não sei como hei de leva-lo para a cadeia.»

Os barqueiros voltaram as caras e viram então a Effendon.

— «Ah! tu tens rato na ratoeira?» disseram elles chegando-se.

— «É um rico negociante de Cantão» respondeu o guarda com uma especie de orgulho.

— «Rico! repetiram os barqueiros. Porque não comprou quem ficasse por elle?»

Effendon, a quem a fresquidão da noite tinha reanimado, estremeceu ao ouvir dizer isto.

— «Póde com effeito outro homem ficar em meu logar?» perguntou elle pasmado.

— «Conforme o partido que lhe fizeres» replicou o carcereiro.

— «Mas onde hei de achar quem se sujeite...»

— «Não falta por ahi quem até deixe que lhe cortem o gasnate para obsequiar um condemnado» observou o barqueiro.

Luziram os olhos do feitor; fez um esforço, e levantando-se apesar do pezo do *tcha* que o derreava;

— «Qual de vós quer soffrer esta pena? perguntou elle. Faço-o rico para toda a sua vida.»

— «Por quanto tempo has de tu andar com o *tcha* grande ás costas?» perguntaram os barqueiros.

— «Por dois annos.»

Abanaram a cabeça.

— «Não ha homem que lhe resista. Mais vale morrer em cima d'um cepo.»

— «Salvo se heuver quem permita, lá de vez em quando, ao prezo largar o seu collar» ponderou o guarda piscando um olho.

— «Então como, se a chave do *tcha* pára nas mãos dos juizes?»

— «Póde haver quem tenha outra.»

— «E o sello?»

— «Tira-se sem se quebrar.»

— «Pódes tu realmente fazer o que dizes?» exclamou Effendon.

— «Por um tael!» (1)

O feitor procurou dinheiro nos seus vestidos, e atirou com a somma pedida aos pés do guarda, que meteu logo mãos á obra. D'ahi a um instante estava aberta a canga.

Effendon, assim que se sentiu solto, deu um grito de alegria, e levantou-se d'um pulo.

— «Devagar, gritou o carcereiro agarrando-o por um braço; mostrei-te o que sabia fazer; agora é preciso que tornes a metter o pescoço n'este collar.»

— «Não! exclamou o feitor, que achei quem me substitua.»

— «Quem?»

— «Este cadaver.»

— «Que dizes?»

— «Digo que lhe enfies pelo pescoço o teu tcha grande. Entrei hoje para a cadeia, ainda ninguem me conhece, ninguem dará pela troca. Veste o morto com o meu fato, declara que succumbi, e ninguem deseonfiará da mudança.»

— «Não cáio n'essa, disse o guarda, podem descobrir...»

— «Cem taeis se consentes.»

— «Cem taeis!»

— «E outro tanto a estes dois amigos para se calarem.»

— «Valeu!» exclamaram alegres os barqueiros.

O guarda ainda quiz pôr-lhe suas duvidas; porém elles tanto o apertaram para que não deixasse ir pela agua a baixo esta occasião unica de ficarem ricos, que elle por fim chegou-se ao rego. Effendon entregou-lhe a quantia ajustada em bilhetes sobre o *hou-pou*, e sem perda de tempo tractaram da troca dos vestidos. O feitor vestiu a tunica do afogado, pegou na caixinha que os barqueiros lhe deram, e escapuliu-se, custando-lhe ainda a crer no seu milagroso livramento.

Seguiu por algum tempo o arrabalde andando o mais depressa que podia; mas, chegando á porta da cidade mantchou, faltaram-lhe as forças e viu-se obrigado a sentar-se ao pé do lampião que alumia a entrada.

Depois d'alguns instantes de descanso lembrou-se da caixinha que trazia, e abriu-a. Como lhe haviam dicto os barqueiros, não continha senão um frasquinho de bronze cuidadosamente fechado e alguns papeis. Os que Effendon passou primeiro pelos olhos eram receitas de diferentes venenos com a indicação dos seus effeitos; o ultimo, porém, era uma carta dirigida ao medico Wang-ti, na qual lhe faziam instancias para que viesse a Peking para o grande projecto que lhe tinha sido communicado.

Estava Effendon a reler esta carta, e procurava adivinhar que projecto seria este, quando, levantando os olhos, viu dois homens que estavam alguns passos distantes d'elle com lanternas, e que pareciam examina-lo. Effendon, temendo-se da curiosidade d'esta gente, levantou-se para seguir ávante o seu caminho, e tornou a metter, á pressa, os papeis dentro da caixa, mas um dos homens das lanternas, que chegára mais perto, viu o nome que n'ella estava gravado.

— «É elle,» disse em voz baixa, fazendo um signal ao seu companheiro para que se approximassem.

— «Quem és tu, e que me queres?» perguntou Effendon perturbado.

— «Não te chamas Wang-ti?» rosnou o china.

— «Que te importa?»

— «Tu és medico.»

— «Serei.»

— «Chegaste de Pao?»

— «Porque?»

— «Fo-hu mandou-nos ao teu encontro.»

— «Fo-hu!» repeliu Effendon estremeecendo.

— «Vem! está á tua espera.»

O feitor hesitou. N'este meio tempo chegaram uma cadeirinha: os dois chinos travaram d'elle, e depois de o terem sentado deram o signal aos moços que partiram a passo largo.

Effendon quiz ao principio saltar para fóra, mas conteve-o a lembrança de sua filha. De o tomarem pelo medico resultaria estar perto de Maria, e talvez achar meios de a ver!... Resolveu tirar partido d'este successo inesperado, representando o mais tempo que pudesse o papel d'aquelle cujos despojos trazia.

Deixemos pois leva-lo para casa de Fo-hu, e omitindo a conversação que teve com o censor, e que durou parte da noite, transportemo-nos na manhã seguinte á habitação imperial do *jardim redondo*, distante a algumas li de Peking (1). (Continúa)

OS TEMPLARIOS.

(Continuado da pag. 117.)

DEPOIS da perda da Terra Sancta, e mesmo anteriormente, havia-se dado a entender aos templarios que era urgente a sua reunião com os cavalleiros do hospital: reunido a uma ordem mais docil o Templo offereceria pouca resistencia aos reis. Mas os templarios não quizeram estar por isso. O grão mestre, Jacques Molay, cavalleiro pobre da Borgonha, mas velho e valente soldado, que acabava de cobrir-se de honra no Oriente pelos ultimos combates que os christãos alli sustentaram, respondeu — «que S. Luiz tinha, em verdade, proposto n'outro tempo a junção das duas ordens, porém que o rei d'Hispanha não a tinha consentido; que para os templarios se reunirem aos cavalleiros de S. João era necessario que se abaltessem muito; que a ordem dos templarios fóra mais exclusivamente creada para a guerra.» — Terminava por estas palavras altivas: — «acha-se muita gente que mais quereria tirar aos religiosos sua fazenda do que acrescentar-lh'a... Não obstante, se se fizer esta união das duas ordens, ficará uma religião tão forte e tão poderosa que muito bem poderá defender seus direitos contra toda e qualquer pessoa n'este mundo.»

Em quanto os templarios resistiam tão orgulhosamente a qualquer concessão, iam ganhando vulto os ruins boatos contra elles, que por sua culpa para isso concorriam. Dizia um cavalleiro a Raoul de Presles, homem dos mais sisudos do seu tempo — «que no capitulo geral da ordem havia uma cousa tão secreta, que se alguém, por sua desgraça, a visse, fosse embora o rei de França, nenhum temor de tormentos impediria os do capitulo de o matarem, logo que podessem.» — Um templario, recém-admittido, linha protestado contra a formula da admissão perante uma auctoridade de Paris; outro se havia confessado a um franciscano, que lhe deu por penitencia jejuar todas as sextas feiras, um anno a fio, e sem trazer camisa; outro, enfim, que era da casa do pontifice — «lhe tinha ingenuamente confessado todo o

(1) Peking ou Pe-king não é o nome especial d'uma cidade; significa *côrte do norte*, e exprimindo a situação relativa da *côrte*, pôde ser dado a cidade mui diversa d'aquella a que os europeus exclusivamente o applicaram.

(1) O tael valia dez tostões em 1820.

mal que conhecêra na ordem, em presença de um cardeal, seu primo, que escreveu no mesmo instante este depoimento. — Faziam-se circular ao mesmo tempo outros sinistros rumores ácerca das prisões horri-veis, onde os cabeças sepultavam os membros da ordem recalcitrantes. Um dos cavalleiros declarou — « que um de seus tios havia entrado na ordem são e contente, com cães e falcões; ao cabo de tres dias estava morto.

O povo acolhia avidamente estes boatos: achava os templarios sobejamente ricos, e pouco generosos. Posto que o grão mestre, nos seus interrogatorios, gabe a munificencia da ordem, uma das arguições contra esta opulenta corporação é que — « as esmolas não se faziam como cumpria. » —

As cousas estavam maduras: o rei chamou a Paris o grão mestre e os cabeças; afagou-os; encheu-os de favores; adormeceu-os: vieram cair na rede, como os protestantes na *matança de S. Bartholomeu*. O rei acabava de acrescentar-lhes os privilegios; e rogára ao grão mestre que fosse padrinho de um filho seu. — A 12 de outubro, Jacques Molay, nomeado expressamente com outros personagens, havia assistido ao enterro da cunhada de Philippe. No dia 13 Jacques foi preso com os cento e quarenta templarios que se achavam em Paris; no mesmo dia foram também presos sessenta em Beaucaire, e um grande numero de outros por toda a França. Estava seguro o assentimento do povo e da universidade: no mesmo dia da prisão foram os burguezes chamados por parochias e confrarias ao jardim do rei, na parte de Paris denominada especialmente a *cidade*, e ali prégarão alguns frades. Póde julgar-se da violencia d'estas prégações populares pela da carta regia que correu toda a França. — « Causa acerba, causa deploravel, causa horri-vel ao pensar-se, terrivel de dizer-se! Causa de ex-cravel atrocidade, de abominavel infamia! Todo o animo dotado de razão se condoe e confunde-se no seu dó, vendo que a natureza se alheia fóra dos limites naturaes, que se deslembra do seu principio, que desconhece a sua dignidade, que pródiga de si mesma se assemelha aos brutos desprovidos de sizo; que digo? . . . que transcende a bruteza dos próprios bratos! . . . » — Julgue-se por isto de terror e sobresalto com que tal carta foi recebida por toda a alma christã: era como o toque da trombeta do juizo final. — Seguiu-se a indicação summaria das accusações, actos de renegados, de traição contra a christandade a pródos infieis, iniciação torpe, e outros muitos horrores! Tudo isto fóra denunciado por templarios: dois cavalleiros, um gascão, outro italiano, presos por malfeitorias, haviam revelado, segundo se dizia, todos os segredos da orden! O que mais exaltava a imaginação eram os dictos extravagantes que se divulgavam a respeito de qual fosse o idolo que os templarios adoravam: variavam os pareceres: diziam uns que era uma cabeça barbuda, outros que uma cabeça de tres faces; tinha, acrescentavam alguns, olhos chamme-jantes. Havia quem dissesse que era um craneo d'homem; outros substituíam-lhe um gato.

Fossem quaes fossem os boatos, Philippe o formoso não perdêra tempo. No mesmo dia da prisão pessoalmente veiu ao Templo tomar assento com seu thesou-ro e sellos e um exercito de gente forense para au-tuar, inventariar. Esta bella preza o enriquecêra de um jacto.

O assombro do papa foi extremo quando soube que o rei não fazia cabedal d'elle na perseguição de uma ordem que só podia ser julgada pela sancta sé: a cholera lhe fez esquecer a sua ordinaria abjecção, a sua precária e dependente situação no meio dos estados

do monarcha: suspendeu os poderes dos juizes ordina-rios, arcebispos e bispos, e mesmo dos inquisidores. — A resposta do rei é violenta: escreve ao papa — « que Deus detesta os tibios; que os vagares são uma especie de connivencia com os crimes dos accusados; que era melhor que o papa excitasse os bispos. Seria uma grave injuria aos prelados tirar-lhes o poder que lhes vem de Deus. Não mereceram esse ultraje; não o supportarão; o rei não poderia toleral-o sem violar o seu juramento. Sancto padre, quem é o sacrilego que ousa aconselhar-vos que menoscabeis aquelles que Jesus Christo envia, ou, para melhor dizer, o proprio Christo? . . . Se os inquisidores são suspensos, a causa nunca se concluirá. . . O rei não lançou mão d'ella como accusador, mas como campeão da Fé e defensor da Igreja, do que deve dar contas a Deus. » — (1)

Filippe deixou o papa capacitar-se de que lhe entregava nas mãos os presos, e que se encarregava de conservar os bens para os applicar ao serviço da Terra Sancta. O seu intento era alcançar que o pontifice restituísse aos bispos e inquisidores os poderes de que os suspendêra. Mandou-lhe setenta e dois templarios para Poitiers, e fez partir de Paris os principaes da ordem; ordenou porém que passassem além de Chinon. O papa accommodou-se; e obteve os depoimentos dos de Poitiers: ao mesmo tempo levantou a suspensão dos juizes ordinarios, só reservando para si o julgamento dos cabeças da ordem. — Este vago-roso processo não podia satisfazer o rei. Se o negocio assim fosse guiado com pouco estrondo, e perdoado como no confessorario, não havia meio de ficar com os bens. Por isso, em quanto o papa imaginava ter tudo na sua mão, o rei mandava au-tuar em Paris pelo seu confessor, inquisidor geral de França. Obtiveram-se logo cento e quarenta confissões pelos tractos, em que se empregaram ferro e fogo: uma vez divulgadas estas confissões não podia o papa accommodar o negocio. Este mandou a Chinon dois cardeaes perguntar aos cabeças e ao grão mestre se tudo aquil-lo era verdade; os cardeaes os persuadiram a dizer que sim, e elles se resignaram a ceder: o papa, com effeito, os reconciliou e os recommendou ao rei; jul-gava te-los salvado.

Filippe não fazia caso e continuava seu caminho. No principio de 1308 fez prender por via de seu primo, o rei de Napoles, todos os templarios da Provença. Pela paschoa junctaram-se em Tours os estados do reino. O rei fez que por estes lhe fosse dirigido um discurso singularmente violento contra o clero. — « O povo do reino de França dirige ao monarcha instantes supplicas. . . Que se lembre que o principe dos filhos d'Israel, Moysés, amigo de Deus, a quem o Senhor fallava face a face, vendo a apostasia dos adoradores do bezerro d'ouro, disse: Tome cadaum a espada e mate o seu proximo parente. . . E não foi para isso pedir o consentimento de Aarão, constituído summo sacerdote por ordem de Deus. . . Por que razão, pois, o rei christianissimo não procederá da mesma maneira, mesmo contra todo o clero, se o clero errasse assim, ou apoiasse os que erram? . . . »

Sustentando este discurso, vinte e seis principes e fidalgos se constituíram accusadores e deram procuração para se proceder contra os templarios perante o papa e o rei. — « Armado o rei com estas adherencias (diz Dupuy), foi a Poitiers, acompanhado de gente, que vinham a ser aquelles procuradores que elle retivera juncto á sua pessoa para tomar parecer sobre as difficuldades que por ventura sobreviessem. » —

(1) Dupuy (*de quem são os outros extractos*: não traz esta carta na integra: provavelmente não foi remetida ao pontifice, mas espalhada entre o povo.

Ao chegar, beijou humildemente o pé ao papa; mas este viu que nada obteria. Philippe não dava ouvidos a composição alguma; era-lhe preciso haver-se severamente com os individuos para lhes poder ficar com a fazenda. O papa, desatinado, queria sair da cidade e evadir-se ao seu tyranno; e mesmo quem sabe se até fugiria da França? . . . Mas não era homem que partisse sem o seu dinheiro; e quando se apresentou ás portas com as cavalgadas e bagagens não poudo passar; viu que estava prisioneiro do rei, nem mais nem menos como os templarios: por muitas vezes intentou a fuga, porém sempre inutilmente. Por tanto Clemente deixou-se ficar e deu mostras de resignado. No primeiro de agosto de 1308 expediu uma bulla dirigida aos arcebispos e bispos: este documento é singularmente breve e compendioso contra o uso da corte romana: vê-se claramente que o papa escreve contrafeito e que lhe impellem a mão. Alguns bispos (segundo esta bulla) tinham escripto que não sabiam como deveriam ser tractados os accusados que se obstinassem a negar ou que retractassem as suas confissões. — Estas cousas — diz o papa — não ficaram indecisas pelo direito escripto, do qual sabemos que muitos d'entre vós tem pleno conhecimento: não é nossa intenção ao presente estabelecer para esta causa novo direito, e queremos que procedais conforme ao que o direito requer.

Havia n'isto um perigoso equivoco. *Jura scripta* entender-se-hia o direito romano, ou o canonico, ou o regimento dos inquisidores? . . . O perigo era tanto mais effectivo que o rei não largava mão dos cavalleiros prezos para entrega-los ao papa, como a este dera esperanças; na conferencia ainda o entreteve promettendo-lhe os bens para o consolar de não obter os individuos; e esses bens deveriam ser entregues áquelles que o papa designasse: era ataca-lo pelo seu fraco, e Clemente andava muito preocupado a respeito do destino dos mesmos bens.

O papa tinha restituído (em 5 de julho de 1308) aos juizes ordinarios, arcebispos e bispos os poderes momentaneamente suspensos; ainda no 1.º de agosto escrevia que podia seguir-se o direito *commum*, e no dia 12 commettia a causa a uma commissão. Os commissarios deviam instaurar o processo na provincia de Sens, em Paris, bispado suffraganeo de Sens. Eram nomeados outros commissarios para fazerem outro tanto nas demais partes da Europa: o julgamento devia ser pronunciado d'ahi a dois annos n'um concilio geral, fóra da França, em Vienne no delphinado, territorio do imperio.

A commissão, composta pela maior parte de bispos, era presidida por Gilles de Aiscelin, arcebispo de Narbona, homem brando e timido, de muitas lettras mas de pouco animo; tanto o rei como o papa julgavam te-lo pela sua parte: o papa julgou que mais seguramente apaziguava o descontentamento de Philippe ajuntando á commissão o confessor do monarcha, aquelle dominicano e inquisidor geral de França, que havia começado o processo com tanta violencia e audacia. — O rei nada reclamou: carecia do papa. A morte do imperador Alberto d'Austria, no 1.º de maio de 1308, offerencia á casa de França uma perspectiva sublime. O irmão de Philippe, Carlos de Valois, cujo destino era pretender tudo e falhar-lhe tudo, apresentou-se candidato ao imperio; se elle lograsse o intento, o papa vinha a ser mais que nunca criado e vassallo da casa de França. Clemente escreveu ostensivamente a favor de Carlos, mas em segredo contra elle. — D'então por diante já não havia segurança para o papa nos dominios do rei. Conseguiu sair de Poitiers, e foi metter-se em Avinhão

em março de 1309: tinha dado palavra de não sair de França, e d'este modo não violava, illudia sua promessa. Avinhão era e não era de França. Era uma fronteira, uma posição mixta, uma especie de asylo, como o foi Genebra para Calvino, Ferney para Voltaire. Avinhão dependia de muitos e de ninguém: era territorio do imperio, um antigo municipio, uma republica sob a protecção de dois reis. O rei de Napoles, como conde da Provença, o rei de França, como conde de Tolosa, tinha cada um metade do senhorio de Avinhão; mas o papa ia ser alli mais rei do que elles, trazendo a sua residencia muito dinheiro áquella pequena cidade.

Clemente julgava-se livre, mas arrastava os seus grilhões: o rei o tinha sempre seguro pelo processo de Bonifacio. Apenas de assento em Avinhão, sabe que o rei Philippe manda conduzir á sua presença pelos Alpes um exercito de testemunhas, a cuja frente marchava aquelle capitão italiano, Raynaldo de Supino, que fóra na prisão de Bonifacio VIII o braço direito de Nogaret. A tres leguas de Avinhão as testemunhas caíram n'uma emboscada que lhes estava preparada: Raynaldo salvou-se em Nimes a muito custo, e fez pelas justicas do rei lavrar auto d'esta cilada. — O papa escreveu mui depressa ao pai do rei para rogar-lhe apaziguasse Philippe o formoso: e escreveu ao proprio rei, a 23 d'agosto de 1309 — « que se as testemunhas foram retardadas em seu caminho, não era a culpa d'elle, mas sim dos ministros do rei, que deviam ter prevenido a segurança d'aquellas. » — O rei havia denunciado ao papa certas cartas injuriosas: o papa responde que ellas são, mesmo vista a orthographia, indignas da corte de Roma; mandou-as queimar; e quanto a perseguir os auctores d'ellas disse que — « uma experiencia recente provou que estes procedimentos accelerados contra personagens importantes tem triste e perigoso resultado. » — Esta carta do papa era uma timida e humilde protestação de independencia, uma resistencia supplicante: a allusão aos templarios, com que conclue, indicava bem a esperança que o pontifice punha nos embaraços que a Philippe o formoso devia suscitar aquelle processo. (Continúa.)

INFLAMMAÇÃO DA POLVORA PELO CHOQUE.

O não tem duvida é causa de muitas desgraças, principalmente quando se lida com materias inflammaveis. Antes das experiencias feitas por Mr. Auber, coronel d'artilheria, na presença da commissão consultiva das polvoras, fugia-se de empregar o ferro na construcção das machinas, utensilios, e edificios das fabricas da polvora, por ser sujeito a faiscar com o choque; mas o latão era tido como um dos metaes livres d'este perigo. Mr. Auber provou todavia que a polvora se inflamma: 1.º no choque do ferro com ferro; 2.º do ferro com latão; 3.º do latão com latão; 4.º do ferro com marmore; e 5.º do chumbo com chumbo ou com páu, quando o choque provém de balla de chumbo despedida por arma de fogo. Não se conseguiu incendiar a polvora por meio da pancada de martello sobre chumbo.

QUEM compra carece de cem olhos, e quem vende basta-lhe um, é um dictado italiano. Quando um alquilé vos quer impingir um cavallo, lustra-o e enfeit-o para lhe esconder as mataduras; quando um homem vos quer enganar cobre o rosto com uma mascara. Experimentai o cavallo e achareis um sendeiro; desmascarai o homem e achareis um malvado. MÉRY.